



Vol. 33, nº 2 (2026)

**ENTRE O SILÊNCIO E A SUBVERSÃO: A VOZ MARGINAL EM *A GENTE ERA OBRIGADO A SER FELIZ* (2019), DE EDUARDO MAHON**

\*\*\*

**BETWEEN SILENCE AND SUBVERSION: THE MARGINAL VOICE IN *WE WERE FORCED TO BE HAPPY* (2019), BY EDUARDO MAHON**

Giselli Liliani Martins<sup>1</sup>

**Recebimento do texto:** 15/02/2026

**Data de aceite:** 05/03/2026

**Resumo:** *A gente era obrigado a ser feliz*, romance de Eduardo Mahon publicado em 2019, apresenta um narrador negro e marginalizado, cuja voz expõe as contradições entre subjetividade e poder, durante a ditadura militar brasileira. Ao narrar em primeira pessoa, Aurélio do Espírito Santo revela tensões entre exclusão, identidade e resistência, transformando sua fala em espaço de crítica social. A polifonia e a perspectiva marginal permitem desconstruir a narrativa hegemônica e reafirmar a literatura como instrumento ético e político de visibilidade das vozes silenciadas.

**Palavras-chave:** Exclusão social. Narrador. Polifonia. Resistência.

**Abstract:** *We Were Forced to Be Happy*, a novel by Eduardo Mahon published in 2019, presents a Black, illiterate, and marginalized narrator whose voice exposes the contradictions between subjectivity and power during the Brazilian military dictatorship. Narrating in the first person, Aurélio do Espírito Santo reveals tensions between exclusion, identity, and resistance, transforming his speech into a space of social critique. The polyphony and marginal perspective allow Mahon to deconstruct the hegemonic narrative and reaffirm literature as an ethical and political instrument that gives visibility to silenced voices.

**Keywords:** Social exclusion. Narrator. Polyphony. Resistance.

## 1 Introdução

A literatura contemporânea tem-se mostrado um campo fértil para a exploração de vozes antes silenciadas, representando as complexidades sociais e históricas que permeiam a sociedade. O romance brasileiro, em particular, tem se transformado em um espaço de resistência, onde narradores marginalizados desafiam convenções literárias. Nesse contexto, a figura do narrador assume um papel central tanto como contador de

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. Bolsista - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: giselli.martins@unemat.br



histórias quanto como um agente crítico que questiona as estruturas de poder e as narrativas hegemônicas que dominam o discurso cultural.

O romance *A gente era obrigado a ser feliz* (2019), de Eduardo Mahon, apresenta um protagonista negro e marginalizado e oferece uma perspectiva bastante particular, marcada pela experiência de um narrador-personagem que expressa um ponto de vista marginalizado sobre a realidade brasileira durante a ditadura militar. A obra insere-se em um projeto literário do escritor que dá visibilidade a personagens deslocados da tradição canônica, o que ajuda a ampliar o debate sobre a literatura produzida em Mato Grosso e suas relações com o contexto nacional. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é discutir as configurações do narrador contemporâneo no romance, à luz das teorias que se debruçam sobre o tema. Compõem o referencial teórico da análise as contribuições de Adorno (2003), Bakhtin (1992, 1999) e Dalcastagnè (2005), dentre outros relevantes à tecitura do presente artigo.

Adorno (2003) trata das mudanças na forma narrativa do romance contemporâneo e destaca a centralidade da subjetividade, a desconstrução da objetividade tradicional e o papel do narrador como mediador crítico da realidade. A análise busca demonstrar como essas características são incorporadas no romance, especialmente por meio de Aurélio, que narra sua experiência durante a ditadura militar no Brasil. Bakhtin (1992, p. 271), por sua vez, enfatiza que “a palavra é uma arena de luta ideológica, onde diferentes vozes se confrontam”. Com isso, busca-se compreender a narrativa de Mahon, em que Aurélio, para além de relatar sua história, se posiciona em um espaço de conflito entre as vozes da tradição e suas próprias experiências. A multiplicidade de vozes revela como a subjetividade do narrador é moldada por um contexto social e histórico, permitindo que a narrativa funcione como um espaço de resistência e crítica às normas estabelecidas.

Dalcastagnè (2005) complementa essa discussão ao afirmar que o narrador do romance contemporâneo ultrapassa o papel de mero contador de histórias; ele atua como um crítico que pondera sobre seu lugar no mundo. Essa configuração se aproxima do protagonista que, mesmo marginalizado, traz uma narrativa permeada por uma análise crítica das estruturas sociais. Ao se posicionar como um narrador que questiona e reflete sobre sua realidade, Aurélio provoca o leitor a reconsiderar verdades aceitas, o que contribui para uma compreensão mais ampla da experiência humana.



A opção de Mahon por narrar em primeira pessoa confere maior densidade psicológica à voz subalterna. Com isso, ao optar por esse narrador em primeira pessoa, a narrativa apresenta um tom mais subjetivo e crítico, de modo que as temáticas de exclusão social, racismo e hierarquias de poder podem ser abordadas sob a ótica de um sujeito historicamente silenciado. Dalcastagnè (2005) salienta que a narrativa contemporânea deixou de ser um espaço onde a “noção de verdade” é incontestável. Tal abordagem demonstra como o romance contemporâneo pode ser um espaço de crítica social e reconfiguração das vozes narrativas, pois, ao refletir sobre a subjetividade e a crítica social presentes na obra, compreende-se como Mahon centraliza a figura do narrador para desafiar as narrativas dominantes e evidenciar as tensões entre a individualidade e as estruturas sociais.

## 2 O protagonismo do narrador em primeira pessoa

A importância atribuída ao narrador contemporâneo se justifica porque sua perspectiva subjetiva e interpretativa molda não apenas a narrativa, mas também o modo como o leitor interage com o texto. Essa abordagem rompe com a objetividade tradicional, alinhando-se à crítica literária moderna que valoriza a dimensão subjetiva como uma representação das tensões entre o indivíduo e a sociedade. O excerto a seguir ilustra essa discussão:

então é urologia, coisa de homem, não é? Não senhora. O que então você vem fazer aqui, rapaz?! Nem eu sabia realmente. Eu disse para anotar na minha ficha – mal de cabeça. Anote assim, dona Vanda – mal de cabeça. Dor de cabeça? Não senhora. Não sinto nenhuma dor, mas tem alguma coisa na minha cabeça que só o doutor pode descobrir (Mahon, 2019, p. 71).

No trecho acima, percebe-se que a subjetividade do narrador é central para a construção da narrativa, pois Aurélio expressa uma inquietação interna que transcende o diagnóstico médico. Seu relato revela uma percepção subjetiva de desconforto ou confusão, algo que não pode ser facilmente explicado ou categorizado pela racionalidade objetiva das instituições que ele frequenta, como o quartel ou a própria medicina. Essa passagem da obra rompe com a objetividade tradicional ao não apresentar respostas claras sobre o problema de Aurélio.



No romance analisado neste estudo, o protagonista e narrador Aurélio do Espírito Santo constrói um relato profundamente marcado por sua posição social e histórica. A fala: “tem alguma coisa na minha cabeça que só o doutor pode descobrir” (Mahon, 2019, p. 71) alude tanto a um mal-estar físico quanto às tensões psicológicas e sociais vivenciadas por ele, o que pode ser entendido como uma metáfora para a alienação e o peso do ambiente militar. Por esse viés, o narrador contemporâneo, com sua perspectiva fragmentada e subjetiva, molda a experiência do leitor, que passa a interagir com o texto para compreender as camadas interpretativas das tensões entre o indivíduo (Aurélio) e a sociedade (o ambiente militar e suas imposições).

Os meandros que estruturam a narrativa de Aurélio parecem estar envoltos por uma quase intencional névoa de ingenuidade que atravessa as falas do protagonista: “O coronel Magalhães [...] é um rapaz bom, tenho certeza disso. O que seria de mim se não fossem eles [...]. Os militares são pessoas boas” (Mahon, 2019, p. 12-13). Essa fala do narrador revela como a narrativa de Aurélio é permeada por uma visão limitada da realidade, representando sua condição de marginalizado e o contexto opressivo da ditadura militar que mal é percebido por ele.

Além de moldar a forma como Aurélio relata sua história, a perspectiva subjetiva apresentada na obra provoca o leitor a questionar a veracidade das afirmações feitas pelo narrador:

o senhor deve conhecer o general. Quem libera a entrada é a filha, dona Isaura. A filha é igualzinha ao general. Até pior. O senhor vai me desculpar. O senhor não pode perguntar o general. Talvez ele resolva procurá-lo quando melhorar. Percebi que não iria adiantar muito. Em todo caso, o sujeito acabou se convencendo (Mahon, 2019, p. 262).

Aqui, a narrativa traz uma sequência de diálogos desconexos e quase absurdos, o que sugere uma situação pouco confiável. A menção ao general e sua filha “igualzinha ao general” (Mahon, 2019, p. 262) e o tom aparentemente irônico ou incoerente levantam dúvidas sobre o relato de Aurélio. A subjetividade do narrador molda a percepção do leitor, que é provocado a questionar a realidade ou a exatidão dos acontecimentos descritos.

Nota-se também que a ingenuidade aparente nas falas de Aurélio atua como um mecanismo de defesa que lhe permite manter uma esperança em meio à opressão que o cerca. Essa abordagem ressalta a tensão entre a experiência individual e a realidade social,



e evidencia como a subjetividade pode ser utilizada para criticar e desafiar as narrativas hegemônicas. Assim, Mahon convida o leitor a refletir sobre as complexidades da verdade e da representação, enfatizando que a compreensão da história é influenciada pelas vozes que a narram e pelas circunstâncias que a delineiam. Nesse aspecto, pode-se associar a construção de Aurélio à figura do narrador não confiável, conforme conceituado por Wayne Booth, em *A retórica da ficção* (1983), cujo relato é mediado por lacunas, ironias e contradições. Tal estratégia narrativa amplia o campo interpretativo e confere uma autenticidade estética que emerge da experiência simbólica do narrador.

A escolha de um narrador negro e analfabeto em *A gente era obrigado a ser feliz* (2019) não parece ser apenas uma decisão estilística do autor, mas um projeto narrativo que busca desafiar as convenções literárias e sociais. Ao colocar Aurélio do Espírito Santo no centro da narrativa, Eduardo Mahon propõe uma reconfiguração das vozes que historicamente foram silenciadas. Essa escolha permite que o autor explore a subjetividade e a experiência de um indivíduo marginalizado e traga à tona questões de identidade, classe e raça que podem ser abordadas sob diversas perspectivas.

O narrador se torna um veículo para a crítica social, e essa estratégia permite ao leitor acessar uma perspectiva particular sobre a realidade brasileira durante a ditadura militar e em um contexto de silenciamento que se projeta até os dias atuais. Com isso, é importante ressaltar que as leituras que se propõe de *A gente era obrigado a ser feliz* não pretendem esgotar as possibilidades interpretativas, mas oferecer um olhar investigativo sobre os mecanismos narrativos e sociais que estruturam a obra. A ideia de crítica social do narrador em um contexto de silenciamento é observada no seguinte excerto:

ele não respeitava a tradição. Lá no fundo, não respeitava. Não senhor. Se respeitasse, não teria me mandado para casa. Fui expulso. Melhor: fui cassado. Essa é a verdade. Os cavalos não entenderam nada quando eu falei para eles. Não está de pé, homem?!, foi o que quase ouvi do Sirius-Alfa, um quarto de milha que praticamente vi nascer. Pois, então, o coronel disse que estou velho e preciso me afastar. Sessenta anos. Não estou imprestável. Ainda poderia cumprir as minhas obrigações sem ajuda daqueles meninos que nunca montaram num único cavalo (Mahon, 2019, p. 11).

Nesse trecho, o narrador explora uma situação de desvalorização e exclusão, e simboliza a falta de respeito pelas tradições e pelas contribuições individuais, algo que pode ser interpretado como uma crítica social ao desprezo por figuras que representam valores ou histórias que foram marginalizadas, principalmente em um cenário de



silenciamento. Além disso, o fragmento acima evidencia como o discurso de Aurélio transcende o lamento pessoal e adquire uma dimensão coletiva. Sua voz revela a permanência das estruturas de exclusão que atravessam o tempo histórico e reafirmam o apagamento simbólico dos sujeitos subalternos. Ao mesmo tempo, a consciência de sua própria desvalorização transforma a fala em gesto de resistência: narrar torna-se, para Aurélio, a única forma possível de reivindicar existência e dignidade diante de um sistema que o silencia.

A opção por um narrador em primeira pessoa não confere à voz de Aurélio uma verdade absoluta, pelo contrário, essa voz é apresentada como uma construção simbólica representativa dos limites de sua consciência e do contexto de opressão que o molda, o que permite ao leitor vivenciar as emoções e experiências do protagonista de forma direta. Mahon, ao adotar essa abordagem, vai além de apenas contar uma história, ele provoca uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder que perpetuam a exclusão social. Pela voz de um narrador que representa uma parte da população brasileira invisibilizada, a obra se torna um espaço de resistência, onde as experiências de vida são apresentadas como legítimas e dignas de reconhecimento.

Aurélio é um narrador cuja condição de trabalhador negro e marginalizado, atuante em um quartel militar, imprime à narrativa uma complexidade que dificilmente seria captada por uma abordagem distante e objetiva. Essa subjetividade se evidencia nas menções do narrador ao contexto político, por exemplo: “Não gosto de comunistas. Acabei não gostando deles por tudo o que me diziam deles [...]. Quando o Fidelis me contou que os cavalos não eram queridos pelos comunas, peguei nojo da cara do João Goulart” (Mahon, 2019, p. 56-57). A interpretação dos acontecimentos por Aurélio não se limita a relatar os eventos, ela os transforma em julgamentos carregados de emoções e preconceitos que representam suas experiências individuais, sua condição social e de classe, o que evidencia o modo como o corpo e a linguagem se tornam espaços de inscrição da desigualdade.

A tensão entre o indivíduo e as estruturas de poder é um dos eixos centrais da narrativa mahoniana. Aurélio, como narrador-personagem, manifesta em suas falas uma consciência fragmentada, marcada pela contradição entre submissão e contestação. Essa ambivalência traduz o conflito entre a obediência herdada e o desejo de autonomia, e descortina uma identidade moldada pela opressão, mas que ainda busca afirmar-se pela



palavra. Nesse contexto, o discurso de Aurélio se aproxima do que Bakhtin (1999) conceitua como espaço dialógico, no qual diferentes vozes (sociais, históricas e ideológicas) entram em confronto e constroem sentidos plurais.

Assim, Bakhtin (1999) enfatiza a dimensão polifônica da narrativa contemporânea, em que a subjetividade do narrador impulsiona a narrativa e deixa evidente os conflitos entre o sujeito e as estruturas sociais, permitindo que múltiplas vozes e perspectivas se entrelacem ao longo da obra. No romance de Mahon, percebe-se que o narrador expressa um ponto de vista ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que critica as estruturas hierárquicas, mostra a internalização de uma necessidade de validação vinda dessas mesmas estruturas, cuja dualidade remete à polifonia narrativa em que diferentes visões de mundo coexistem:

é sua hora de descansar [...]. Não estava cansado de nada. Só me bastava ficar com meus cavalos ali sozinho nas baías. Ninguém daria conta da minha existência. O próprio coronel Magalhães iria passar, como passaram outros. Não houve jeito de relevar. Homem duro, mais duro do que a maioria (Mahon, 2019, p. 11).

Como se pode observar, o narrador revela uma crítica implícita à dureza e à arbitrariedade das estruturas hierárquicas, simbolizadas pelo coronel Magalhães. No entanto, ao mesmo tempo, há uma aceitação subjacente da sua posição, evidenciada pelo desejo de permanecer “sozinho nas baías” e pela resignação de que “ninguém daria conta da minha existência” (Mahon, 2019, p. 11). Essa dualidade representa a ambiguidade do narrador, que critica e, simultaneamente, internaliza a necessidade de validação por essas mesmas estruturas, compondo uma polifonia narrativa em que diferentes perspectivas coexistem.

O excerto acima transcrito sintetiza o drama interior do narrador e o modo como Mahon traduz, pela linguagem, as contradições de uma subjetividade oprimida. A convivência entre crítica e conformismo, denúncia e aceitação, confere densidade psicológica à personagem e materializa o que Bakhtin (1999) entende como a coexistência de consciências autônomas dentro do texto. Além de vítima do sistema, Aurélio também é produto dele, considerando que internaliza os códigos que o subjagam, enquanto tenta, pela fala, libertar-se simbolicamente. O romance transforma o discurso subordinado em espaço de resistência. Assim, passa-se à análise da subjetividade do narrador e de sua relação com o contexto histórico, observando como as marcas de



exclusão e a formação social do protagonista configuram a tessitura simbólica do romance.

## 2.1 A subjetividade do narrador e o contexto histórico

Nesta análise, a subjetividade do narrador é marcada por sua posição social. Aurélio do Espírito Santo, um homem negro, cuidador de cavalos em um quartel militar, narra os acontecimentos de sua vida a partir de uma perspectiva marginalizada, o que molda sua visão de mundo e confere à narrativa uma carga emocional e crítica. Essa abordagem dialoga com os conflitos sociais e políticos de seu tempo. Quando o narrador-personagem reflete sobre o trabalho herdado de sua mãe que, para ela, era uma honra e para ele nada mais que uma obrigação, por exemplo, nota-se como a subjetividade de Aurélio representa as tensões entre os valores tradicionais herdados e a realidade opressiva infligida por seu contexto histórico.

A valorização do trabalho como um ato de honra, transmitido pela mãe, contrasta com a experiência de Aurélio, que vê o trabalho como uma imposição, desprovido de dignidade ou reconhecimento. Essa desconexão evidencia tanto as contradições da sua posição social quanto demonstra como as estruturas históricas de desigualdade moldam sua percepção do mundo. A narrativa de Aurélio pode ser compreendida também como uma contra-narrativa (Said, 2011), ao reescrever a história sob a ótica dos sujeitos oprimidos e ao transformar o discurso literário em instrumento de enfrentamento simbólico.

A perspectiva de Aurélio é, ainda, indissociável de sua vivência em uma sociedade caracterizada por desigualdades estruturais, na qual o trabalho é visto menos como um valor intrínseco e mais como um instrumento de exploração e manutenção do *status quo*. Essa crítica subverte o ideal meritocrático burguês ao expor que a ascensão social, frequentemente atrelada ao esforço individual, ignora as barreiras impostas pela estrutura social. Ao integrar essas reflexões, a narrativa de Aurélio humaniza o impacto da opressão histórica e reconstrói criticamente os discursos de virtude associados ao trabalho, com destaque para a relação entre subjetividade e contexto histórico.

Ao ressignificar sua própria história, Aurélio demonstra que a dominação se manifesta tanto pela coerção externa quanto pela internalização de valores impostos. Essa



dimensão psicológica e social do poder, que faz o oprimido reproduzir as estruturas que o subjagam, aproxima o romance de Mahon de uma leitura interseccional entre pós-colonialismo e sociologia crítica. A consciência de Aurélio, ainda que limitada por sua condição marginal, expõe a sutileza dos mecanismos de controle simbólico e cultural e demonstra como o discurso dominante se infiltra nas práticas e nos pensamentos dos sujeitos subalternizados.

A abordagem supra dialoga também com o conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu em *A Distinção* (2011). Para Bourdieu, o *habitus* é o sistema de disposições que resulta das condições sociais e históricas em que o indivíduo está inserido, o que influencia diretamente sua visão de mundo e suas práticas: “Adestramento. É esse o segredo dos militares. Todo mundo precisa de rotina: homens e cavalos” (Mahon, 2019, p. 17). Nesse excerto, percebe-se como a ideia de rotina e adestramento é naturalizada dentro do contexto militar, sendo apresentada como uma prática essencial tanto para os homens quanto para os animais.

Tal visão de mundo representa o *habitus* militar, no qual a disciplina, a ordem e a rotina são internalizadas e reproduzidas como normas estruturantes, moldando as ações e as percepções dos indivíduos inseridos nesse meio. Por essa perspectiva, a internalização da rotina militar demonstra como o narrador absorve inconscientemente o *habitus* de sua instituição, considerando que ele converte a obediência em forma de sobrevivência simbólica.

Nesse ponto, a leitura sociológica proposta por Bourdieu permite compreender que o comportamento de Aurélio é fruto da junção de sua experiência individual e de um processo coletivo de formação social. No entanto, a dimensão simbólica da opressão que o atravessa ultrapassa o campo das práticas e adentra o território da linguagem, que é o lugar onde se constroem e se perpetuam as hierarquias de poder. Nesse espaço discursivo, o romance de Mahon (2019) dialoga com outras narrativas de resistência, especialmente aquelas que exploram o gesto de falar e escrever como formas de insurgência e sobrevivência diante do silenciamento histórico.

*Quarto de despejo* (2014), de Carolina Maria de Jesus, é um bom exemplo. Carolina, também negra e marginalizada, utiliza uma linguagem que rompe com as convenções literárias para expor a realidade da exclusão social. Tanto ela quanto Aurélio reinterpretam suas vivências e expõem as estruturas de opressão que perpetuam a



desigualdade. Com isso, ambas as narrativas desafiam o cânone literário ao priorizar experiências frequentemente silenciadas. A perspectiva de Aurélio também desafia o discurso histórico tradicional, geralmente construído a partir de vozes hegemônicas. No lugar de uma abordagem neutra ou descritiva, o narrador utiliza sua subjetividade para reinterpretar os eventos sob o pano de fundo da ditadura militar brasileira.

A aproximação entre Carolina, de *Quarto de despejo*, e Aurélio, de *A gente era obrigado a ser feliz*, reforça o que Homi Bhabha (1998) denomina de “voz híbrida”, que emerge das margens para desestabilizar os discursos de autoridade. Assim, o narrador de Mahon, além de relatar sua história, ocupa o entre-lugar em que a linguagem se torna resistência. Nesse entre-lugar, como propõe Bhabha (1998), não há pureza nem totalidade identitária, mas uma constante negociação entre vozes, culturas e memórias. A narrativa de Aurélio expõe justamente essa condição híbrida, ou seja, ele fala a partir da margem, mas também incorpora os discursos do poder que o oprimem, fazendo com que suas fronteiras sejam deslocadas. Essa oscilação entre submissão e insurgência torna sua voz um território de tradução cultural, no qual o sujeito subalterno ressignifica a língua e a experiência, transformando-as em ferramentas de resistência simbólica. Assim, Mahon (2019) dá forma literária ao que Bhabha (1998) define como o espaço ambíguo da diferença, que pode ser traduzido como um lugar de criação, confronto e reinvenção identitária.

Ao aproximar-se de Carolina Maria de Jesus (2014), Mahon (2019) também dialoga com uma tradição literária que se constrói a partir da escuta dos silenciados. A escrita de Carolina inaugura um gesto político de tomada da palavra por quem esteve à margem das narrativas oficiais, e Aurélio, em sua condição de narrador subalterno, prolonga esse gesto no espaço do romance contemporâneo. Ambos revelam a permanência da desigualdade como herança histórica e expõem o lugar destinado aos sujeitos invisibilizados pela lógica de classe, raça e poder. A mesma exposição, embora formulada em outro contexto, ressurgiu na literatura social nordestina, em especial na obra de Graciliano Ramos, cuja economia de linguagem traduz o desamparo e a resistência do homem comum diante das estruturas opressoras.

Assim, ainda em níveis de intertextualização entre os narradores, observa-se algumas semelhanças com o romance *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, em que Fabiano, um sertanejo analfabeto, reflete sobre a opressão sistêmica que enfrenta. Apesar



de sua condição subalterna, o Fabiano de Graciliano Ramos evidencia a exploração por meio de uma linguagem extremamente econômica, mas cheia de significados. Essa relação entre literatura e subalternidade, presente tanto em Graciliano Ramos (1938) quanto em Mahon (2019), permite perceber como os autores articulam as estruturas de poder e os mecanismos de exclusão social por meio da linguagem e da narrativa. Enquanto Ramos (1938) registra a opressão de forma quase documental, Mahon (2019) desloca a experiência do marginalizado para o centro da construção narrativa, conferindo ao narrador subalterno um espaço reflexivo e crítico.

Nessa perspectiva, o trabalho literário deixa de ser apenas representação do sofrimento social e torna-se instrumento de questionamento das hierarquias simbólicas, econômico-culturais e políticas que atravessam a sociedade, diálogo que se aproxima das proposições de Bourdieu (2011) sobre a reprodução social e a luta pela legitimação de vozes historicamente marginalizadas. Ao trazer Aurélio para o centro da trama, Mahon (2019) traça uma crítica ao apagamento histórico desses sujeitos que vivem à margem e dialoga com as proposições de Bourdieu (2011) no sentido de oferecer uma revisão da história contada a partir desses sujeitos marginalizados. Aurélio narra os eventos e os reconstrói de forma crítica, apresentando uma visão oposta e provocativa da história, ainda que em sua condição subalternizada ao longo da narrativa.

Aurélio é um protagonista que rompe com os estereótipos tradicionais associados à representação de personagens negros na literatura brasileira. Longe de ocupar um lugar periférico ou submisso, Aurélio emerge como uma figura central, cuja narrativa crítica desafia as estruturas de poder e questiona os sistemas de opressão que conformam sua existência. Ao assumir o papel de narrador-protagonista, ele subverte as perspectivas históricas de aniquilamento e silenciamento das vozes negras e traz uma dimensão de resistência ativa que enriquece a história.

Tal construção sintoniza-se com o papel que Adorno (2003, p. 57) atribui ao romance como forma de expor os conflitos entre os indivíduos e as estruturas sociais petrificadas, ao dispor que “o romance foi forçado a romper com as formas realistas tradicionais e a entregar-se à representação da essência e de sua antítese distorcida”. Aurélio encarna esse rompimento ao apresentar a sua história e abrir ao leitor um espaço de crítica às estruturas que o oprimem, como se evidencia em sua relação com o coronel Magalhães: “Se não os conhecesse há muitos anos, acharia que aquilo tudo era zombaria



[...] No corredor externo, estava o coronel Magalhães, sorrindo” (Mahon, 2019, p. 12). No excerto, nota-se a desconfiança e o desgaste emocional de Aurélio diante da rigidez hierárquica. O coronel, ao sorrir, se torna um símbolo dessa opressão ambígua, pois o gesto amigável é contrastado com o sentimento de expulsão, o que deixa Aurélio confuso sobre sua própria trajetória e pertencimento.

A dimensão da narrativa de Aurélio permite avançar na análise sob a ótica de Adorno (2003), pois o autor não se limita a relatar conflitos sociais, ele transforma a experiência subalterna em instrumento de reflexão estética. A obra demonstra como a forma literária pode ser mobilizada para expor as contradições e a rigidez das estruturas sociais e converter o sofrimento e a resistência dos personagens em experiência crítica para o leitor. Assim, o romance de Mahon (2019) representa o protagonismo negro e cumpre a função adorneana de revelar, por meio da arte, a tensão entre indivíduo e sociedade, entre realidade concreta e seus mecanismos de opressão, o que amplia o alcance político e filosófico da narrativa.

Em suma, a subjetividade de Aurélio, moldada por sua posição social e experiências históricas, relata a opressão que enfrenta e atua como ferramenta crítica capaz de desconstruir discursos hegemônicos e revelar as tensões entre indivíduo e sociedade. Ao centrar a narrativa na perspectiva de um sujeito marginalizado, Mahon (2019) cria um espaço em que a voz subalterna se afirma. Com isso, ele questiona hierarquias sociais e transforma a literatura em arena de resistência simbólica e reflexão estética. Esse movimento estabelece a base para a análise da subjetividade do narrador como ferramenta de subversão, tema da seção seguinte, na qual se examina como Aurélio encarna múltiplas vozes, internaliza e resiste aos discursos dominantes, o que inscreve a narrativa como um terreno de subversão e diálogo crítico com as estruturas de poder.

### **3 A subjetividade do narrador como ferramenta de subversão**

A polifonia narrativa no romance de Mahon (2019) desempenha uma função central na desconstrução das narrativas hegemônicas. Aurélio encena uma multiplicidade de vozes que dialogam e se confrontam dentro de uma mesma narrativa, o que representa tanto a internalização de discursos dominantes quanto a resistência crítica a eles. Tal característica aproxima a obra de Eduardo Mahon (2019) do que Bakhtin (1999) define



como polifonia, traduzida como a coexistência de vozes independentes e contraditórias, que enriquecem a complexidade narrativa ao recusar a imposição de uma única verdade.

No caso de Aurélio, a polifonia fica evidente nos momentos em que ele, ainda que marginalizado, reproduz fragmentos do discurso das elites: “Os militares são pessoas boas. Pudera. A seleção é rigorosa. Teste para tudo. Nada ali é de graça” (Mahon, 2019, p. 13). Ele reproduz a narrativa dominante que associa o sucesso e a estabilidade no ambiente militar ao mérito individual, o que reforça a ideia de que esses atributos são alcançados por meio de esforço e rigorosos processos seletivos. Contudo, essa afirmação apresenta uma ambiguidade crítica, pois pode ser interpretada como uma referência velada à exclusão e às barreiras impostas pelo sistema que, ao exigir conformidade e resiliência, também reproduz desigualdades e limita oportunidades para aqueles que não se encaixam nos padrões estabelecidos.

Por esse excerto evidencia-se como Aurélio inicialmente adere ao discurso oficial de “ordem e progresso”, mas sua própria experiência como trabalhador pobre e negro o leva a desconstruir esse ideal e a descortinar as contradições subjacentes à narrativa oficial do regime militar. Essa dinâmica representa o que Bakhtin (1999) denomina de “multiplicidade de consciências autônomas”, na qual diferentes perspectivas coexistem sem serem reduzidas a uma só voz.

A narração de Aurélio transforma-se em uma reapropriação da história oficial e insere sua perspectiva de resistência em uma estrutura literária que historicamente excluiu vozes como a sua. Tal ressignificação se fundamenta em Silviano Santiago (1989) que dispõe que a literatura contemporânea brasileira se distingue por subverter os pilares eurocêntricos ao implantar sujeitos marginalizados no centro da narrativa. A polifonia no discurso de Aurélio é evidenciada em suas reflexões sobre figuras de autoridade, como militares e outros personagens que representam o poder hierárquico. Ele absorve e reproduz fragmentos dos discursos dominantes e, ao mesmo tempo, questiona esses discursos de forma sutil ou irônica:

Silvano era um bom sujeito, mas havia caído na conversa-mole dos comunistas. Desde menino, ele lia nos livros essas ideias absurdas. Tanto livro de filosofia só serve para deixar a gente confuso. Só Silviano é que não via isso. Eu nunca caí naquele rame-rame dos vermelhos. Eu não. Não senhor. Eu só queria ler Alexandre Dumas (Mahon, 2019, p. 71).



A polifonia se manifesta aqui na tensão entre a tradição oral, que permeia a narrativa de Aurélio, e o silêncio imposto pelas hierarquias sociais. Aurélio expõe uma contradição fundamental: o poder dos opressores depende do trabalho invisível dos oprimidos. Essa percepção remete à Spivak (2010), que leciona que o subalterno só pode ser ouvido quando a narrativa dominante se abre à escuta do outro. A relação dialética entre submissão e resistência no romance de Mahon (2019) explica essa narrativa polifônica contemporânea em que a voz do narrador marginalizado critica as estruturas dominantes e evidencia sua importância.

A polifonia presente na narrativa de Aurélio explicita ainda um caráter performativo da linguagem, no qual a própria forma da fala se torna estratégia de subversão. Ao reproduzir e, simultaneamente, ao questionar os discursos dominantes, o narrador expõe a ambiguidade da experiência subalterna, ou seja, ele é participante das estruturas de poder e ao mesmo tempo seu crítico, o que manifesta visivelmente a tensão entre adesão e contestação. A dinâmica demonstra que a resistência ocorre tanto nos grandes gestos ou confrontos explícitos quanto na apropriação da linguagem, na ironia, na seleção de episódios narrados e na maneira como a história é contada.

Além disso, a polifonia contribui para a construção de uma narrativa ética, na qual a voz subalterna se afirma sem se reduzir a um papel de vítima passiva. Aurélio, ao ocupar o centro da narrativa, reescreve sua própria história e cria um espaço literário no qual os conflitos sociais e as contradições históricas podem ser examinados criticamente. Essa função ética da narrativa reforça o papel político da literatura e transforma o romance mahoniano em um campo de disputa simbólica, em que as vozes marginalizadas conquistem visibilidade e autoridade interpretativa.

Por fim, a subjetividade polifônica de Aurélio demonstra como a literatura contemporânea brasileira é capaz de incorporar múltiplas perspectivas e tensionar os limites da narrativa tradicional. Ao articular resistência, memória e crítica social, a obra de Mahon (2019) se insere em um espaço literário no qual o subalterno, para além de apenas existir, também fala, questiona e redefine os contornos da história e da cultura. Essa articulação ajuda a esclarecer as implicações da polifonia e da subjetividade narrativa para a compreensão das relações entre poder, linguagem e resistência no romance.



#### 4 Considerações Finais

*A gente era obrigado a ser feliz* (2019), de Eduardo Mahon, apresenta um narrador estreitamente entrelaçado ao narrador do romance contemporâneo que sintetiza de uma forma bastante sensível as características mais marcantes desse perfil de figura literária. Aurélio do Espírito Santo emerge como o eixo central de uma narrativa que propõe profundas reflexões sobre subjetividade, contexto histórico e marginalização social. Pela voz de Aurélio, ecoam temas delicados e contundentes, como o racismo estrutural, o analfabetismo e a exclusão, inserindo essas questões em um retrato crítico da ditadura militar brasileira. O narrador-personagem vai além da simples descrição de sua trajetória, considerando que ele reinterpreta e ressignifica a realidade em que está inserido e, ao mesmo tempo, expõe as hierarquias de poder e as versões oficiais da história.

Mahon (2019) subverte as convenções literárias ao colocar um narrador negro e pobre no centro de sua trama, dando destaque a vozes que historicamente foram silenciadas. Aurélio é uma representação do sistema opressor e, concomitantemente, um agente crítico que questiona suas dinâmicas. Sua narrativa é rica em emoções, contradições e reflexões, configurando-se como um mosaico polifônico que dialoga com diferentes discursos, ou seja, ora reproduz as ideologias dominantes, ora as desconstrói com uma perspectiva profundamente pessoal. Nesse sentido, o romance se apresenta como um espaço literário de resistência e desafia as narrativas hegemônicas com a proposta de uma visão alternativa e plural da história.

Ousa-se dizer, ainda, que *A gente era obrigado a ser feliz* (2019) se afirma como uma obra necessária para debater no cenário do romance contemporâneo. Ao destacar o narrador como agente crítico, Mahon (2019) rompe com a imagem de uma narrativa neutra e expõe as contradições sociais que moldam as vivências humanas. A análise dessa obra ultrapassa o simples exercício literário, uma vez que se apresenta como um gesto político e estético, que reivindica espaço para vozes marginalizadas como a de Aurélio, que ressoam e confrontam as estruturas que buscam silenciá-las. Assim, o romance transcende a mera ficção e funciona como uma convocação ao leitor para refletir criticamente sobre o passado e o presente, enquanto vislumbra possibilidades de um futuro mais equânime.



Por fim, ao resgatar a voz de um sujeito historicamente marginalizado, Mahon (2019) reafirma o poder ético da literatura como espaço de memória e de resistência. A história de Aurélio vai além de uma denúncia social, visto que ela pode ser entendida como um convite à escuta das vozes que persistem em existir, mesmo sob o peso do silêncio. Nesse sentido, a obra se inscreve no conjunto de narrativas contemporâneas que, ao recontarem o passado, reconfiguram a consciência crítica do presente.

### Referências

- ADORNO, T. Posição do narrador no romance contemporâneo. *In*: ADORNO, T. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 55-63
- BAKHTIN, M. **A Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOOTH, W. C. **A retórica da ficção**. Trad. Maria Teresa Guerreiro. Lisboa: Edições 70, 1983.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. São Paulo: Zouk, 2011.
- DALCASTAGNÈ, R. Narrador suspeito, leitor comprometido. *In*: DALCASTAGNÈ, R. **Entre fronteiras e cercados de armadilhas: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2005. p. 11-32
- JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- MAHON, E. **A gente era obrigado a ser feliz**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2019.
- RAMOS, G. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.
- SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SANTIAGO, S. **O narrador pós-moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.